

I COLÓQUIO PAULO FREIRE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Currículo: humanização ou domesticação?

Juliana Passos¹

Para a elaboração desse texto trago algumas reflexões presentes em meu trabalho de conclusão de curso, que se referem à Educação Integral através de uma proposta curricular que atenda a essa demanda, tendo como o postulado que me orienta a educação emancipadora e humanista de Paulo Freire.

O que podemos perceber atualmente é que a busca ininterrupta pelo conhecimento passou a ser requisito fundamental na formação do sujeito, para atender às demandas de um mercado que exige constante atualização. Com as mudanças sociais, não podemos ter um ensino fragmentado, descontextualizado da realidade, mas um ensino que integre o sujeito para o enfrentamento do processo de globalização:

Atualmente, encontramos nos discursos veiculados pela mídia e pelas políticas governamentais um forte apelo à escolarização como saída para os graves problemas enfrentados no país. Embora não seja correto imaginar que a escolarização possa resolver todos os problemas, temos que concordar que seu papel vai muito além de apenas instruir as novas gerações. (SILVA, 2002 p. 58)

As “camadas populares” buscam na educação o reconhecimento social e a real integração. Porém, esta não é uma busca independente, pois a escola deve proporcionar reflexões sobre a realidade desses sujeitos de modo que se reconheçam como parte integrante da sociedade e não “assistidos, ajustados,” à ela o que traz um caráter de “patologia da sociedade sã” a que se refere Paulo Freire quando trata das relações entre oprimido e opressor.

Para tanto, trago uma ideia de currículo “pulsante”, que na contemporaneidade deve ser visto como movimento, dinâmica, como algo vivo dentro da instituição escolar capaz de desenvolver transformações significativas em todo seu âmbito. A trajetória do currículo está ligada a uma concepção de alienação a partir da reprodução dos saberes e

¹ Graduanda do 8º período do Curso de Pedagogia e integrante do GECDiP (Grupo de Estudos Críticos do Discurso Pedagógico).

do conhecimento. Hoje esses conhecimentos devem ser socialmente construídos, ou seja, “currículo passa então a significar o conjunto de experiências a serem vividas pelo aluno”, (SANTOS e MOREIRA, 1995 p. 48).

O currículo é vida, movimento, transformação, coletividade, mundialização e deve estar preocupado com a formação de um sujeito, não mais indivíduo, que seja capaz de atuar e influenciar no meio assim como, estar preparado para ser influenciado por ele dessa forma, desafiar o sujeito em sua construção de conhecimento. O currículo deve ser visto como transformador para o homem, a instituição e a sociedade de maneira a contribuir para a melhoria dessa, de forma a percebê-la como em constante processo de mudança. Dessa forma não podemos mais olhar o currículo com a mesma inocência de antes, pois agora tem significados. (PIRES, 2008 p.6)

Nessa perspectiva o currículo não pode ser visto ingenuamente, pois demarca posicionamentos intencões, se torna instrumento de tomada de decisões podendo estar a favor da libertação (humanização) ou alienação (domesticação). Dessa forma é imprescindível repensar o currículo, o que implica perspectiva-lo como uma desvinculação da reprodução de saberes dominantes (opressores) ou simplesmente aceita-lo como fatalismos quietistas da formação do sujeito. Faz-se necessário que sejamos mais ambiciosos no querer “ser mais”, que um objeto de manipulação do poder vigente, um poder que fala por nós, que participa, e que faz de nós invisíveis. Desse modo, é necessário pensar como e em qual medida o currículo atual vêm atendendo às demandas de formação onde o sujeito seja realmente inserido na sociedade, onde suas especificidades sejam respeitadas e acolhidas pelo próprio currículo, onde este esteja a serviço dessa formação e não em oposição como meio de controle e manutenção do *status quo*. Trata-se de uma formação integradora em que o currículo além de norteador das práticas pedagógicas, esteja a serviço da humanização.

“Pensar autenticamente é perigoso!” Uma formação integral e sobretudo verdadeira, proporciona essa autenticidade. Cria na própria concepção de homem um ideal de que ele seja sujeito de sua história, que participa, que faz, que é capaz de transformar a realidade em função de uma vida mais digna, não só para si como para os demais. Trata-se de uma Educação “libertadora” que dialoga sobre a negação do próprio diálogo, pois é comunicação, é reflexão e ação:

Mas, se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer tem de ter uma teoria e prática. É reflexão e ação. Não pode reduzir-se, `a palavra, nem ao verbalismo, nem ao ativismo. (FREIRE, 1967 p.121).

Referências

FREIRE, Paulo. EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. Sociologia e Teoria Crítica do Currículo: uma introdução .In: MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. (Orgs.); tradução de BAPTISTA, Maria Aparecida. Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez, 1995.p.14–15?. Disponível em <https://www.passeidireto.com/arquivo/3854912/moreiraaf---curriculo-cultura-e-sociedade> Acesso em 15/11/2015

PIRES, Pierre André Garcia, A ESCOLA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS: UM OLHAR A PARTIR DA NOVA CONCEPÇÃO DE CURRÍCULO Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2235-6.pdf> Acesso em 25/11/2015

SILVA, Tomaz Tadeu da & MOREIRA, Antonio Flávio. Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez, 2005.